

Um

Não sei bem se a história chegou ao Ocidente. Julgo que a África do Sul mostrou algum interesse, mas apenas porque a violação e o homicídio têm estado na ordem do dia daquele país há já algum tempo. Transferiram-me para a Ásia pouco depois, pelo que nunca soube do resultado do julgamento. Partí do princípio de que os adolescentes tinham sido condenados, já que a justiça, como tudo o resto na Serra Leoa, estava sujeita a restrições económicas. Mesmo que o tribunal se desse ao luxo de designar um procurador do Ministério Público, as confissões, com pormenores vívidos de como cada vítima tinha sido assassinada, convidariam à sentença sumária.

Sei que o Alan Collins ficou um bocado inquieto com as acusações, mas não pôde fazer muito mais quando lhe recusaram o pedido de um patologista experiente. Estava numa posição difícil, mais de observação do que de aconselhamento, faltavam-lhe menos de duas semanas de destacamento quando se deu o rapto de Amie Jonah, e as descrições que os jovens deram dos crimes terão sido eficazes para lhes ditarem o destino. Ainda assim, o Alan não ficou muito convencido.

— Não estavam em nenhuma condições de serem interrogados — disse-me. — A família da Amie tinha-os reduzido a papa. Teriam dito aquilo que a polícia quisesse para não terem de ser espancados outra vez.

Também ficou perturbado com as cenas do crime.

— Vi dois dos corpos *in situ* — disse — e nenhum parecia um ataque de *gang*. Ambas as mulheres estavam aninhadas nos cantos dos quartos com as cabeças e os ombros cortados em tiras e com feridas nos braços de se tentarem defender. Pareceu-me que tentaram proteger-se de um único indivíduo a atacá-las de frente. Um grupo muito provavelmente retalhava-as de todos os lados.

— O que é que pode fazer?

— Muito pouco. Ninguém se tem mostrado interessado desde que os jovens confessaram. Escrevi um relatório, assinalando as anomalias, mas há pouquíssimos médicos em Freetown, muito menos patologistas forenses.

Sorriu contristado.

— Julgo que pensam que eles têm o que merecem já que não há dúvida de que estavam a tentar raptar a jovem Amie.

— E se tu tiveres razão, não achas que o assassino vai atacar de novo? Que isso pode exonerar os rapazes?

— Depende de quem seja. Se for de cá, então é provável... mas se for do contingente estrangeiro... — encolheu os ombros — acho que em princípio exporta as actividades para outro sítio.

Foi esta conversa que me levou a suspeitar do John Harwood. Quando primeiro me disseram quem era no Paddy's Bar — o cabaré mais popular da zona —, tive a certeza de já o ter visto antes. Perguntei-me se teria sido em Kinshasa em 1998 quando estava a cobrir a guerra civil do Congo. Lembra-me de então o ter visto fardado — quase de certeza como mercenário, porque o exército britânico não se envolveu nesse conflito — mas não me parecia que nessa altura desse pelo nome de John Harwood.

Já na Primavera de 2002 na Serra Leoa vestia-se à civil e tinha uma má reputação. Vi-o meter-se em três brigas enquanto lá estive, e ouvi falar de outras, embora ele se safasse sempre de mazelas. Tinha a constituição de um *terrier* — estatura mediana, músculos firmes, pescoço e membros grossos — bem como a ferocidade de um *terrier* quando deitava os dentes a alguém. A maioria dos expatriados mantinha-se longe dele, especialmente quando bebia.

Na altura, Freetown estava cheia de estrangeiros. A ONU coordenava os esforços para reconstruir o país, e a maioria dos expatriados trabalhava para a imprensa internacional, ONG, missões religiosas e instituições de caridade. Alguns, como Harwood, tinham contratos privados, no seu caso um emprego como motorista / guarda-costas de um empresário libanês, de quem se dizia ter negócios com diamantes. De vez em quando, desapareciam os dois para o estrangeiro com malões bem guarnecidos e protegidos, pelo que provavelmente os rumores eram verdade.

Como toda a gente, esforçava-me por evitá-lo. A vida era demasiado curta para me envolver com solitários com manias. No entanto, nos seis meses que lá estive tomei a iniciativa numa conversa quando lhe pedi que transmitisse ao patrão um pedido de entrevista. Os diamantes eram um tema quente no rescaldo do conflito. Há décadas que na Serra Leoa se discutia acesamente quem os tinha, e para onde ia o dinheiro, já que nenhum revertia para o país, e o ressentimento do povo com o seu miserável nível de subsistência tinha sido o rastilho da guerra civil.

Como seria de esperar, não tive quaisquer hipóteses de chegar à fala com o patrão de Harwood, mas tive uma breve troca de palavras com a pessoa deste. Nenhuma das mulheres autóctones aceitava cozinhar para ele ou fazer-lhe a lida da casa, pelo que na maioria das noites o víamos a comer sozinho no Paddy's Bar, que foi onde o abordei. Comentei que me parecia que já nos tínhamos cruzado, e ele assentiu com a cabeça.

— É mais bonita do que me lembro, Ms. Burns — disse ele com um forte sotaque escocês de Glasgow. — Da última vez que a vi era um pequeno ratinho.

Fiquei espantada por se lembrar do meu nome, e ainda mais pelo elogio ambíguo. A única coisa que toda a gente tinha por certa acerca do Harwood era que ele não gostava de mulheres, algo que destilava sob o efeito da cerveja *Star*, e diziam as más-línguas que sofria de sífilis em fase terciária, que apanhara de uma prostituta. Era uma explicação razoável para a sua misoginia agressiva, mas eu não ia nessa. A penicilina era por de mais acessível para que algum ocidental passasse da fase primária.

Disse-lhe o que queria e abri o jogo com uma série de perguntas, juntamente com uma carta de apresentação a explicar a natureza da reportagem que planeava.

— É capaz de transmitir isto ao seu patrão e depois dizer-me o que ele responde?

Era difícil aceder a quem quer que fosse sem ser por terceiros. Os rebeldes tinham destruído grande parte da rede de comunicações e, como toda a gente vivia em condomínios de segurança, não se podia passar pelos guardas sem marcação.

O Harwood empurrou os papéis para o meu lado.

— Não às duas coisas.

— Porquê?

— Ele não fala com jornalistas.

— Isso diz ele ou você?

— Sem comentários.

Sorri levemente.

— E então como é que eu passo por si, Mr. Harwood?

— Não passa.

Cruzou os braços e levantou a cabeça fitando-me de sobrolho franzido:

— Não abuse da sua sorte, Ms. Burns. Já tem uma resposta.

É um sinal para me sumir daqui, pensei insatisfeita. Mesmo com um bando de expatriados à distância de um grito, não tive coragem de o pressionar mais. Já tinha visto os estragos que ele era capaz de fazer, e não me agradava ser alvo deles.

O Paddy's era o poiso preferido da comunidade internacional porque se manteve aberto ao longo dos onze anos do conflito. Era um grande bar e restaurante com portas dos dois lados, mesas numa varanda de cimento, e atraía como um íman as prostitutas à procura de dólares. Aprenderam logo a afastar-se do Harwood assim que ele magoou uma ao ponto de ter sido hospitalizada. Ele falava o inglês *pidgin*, que é a língua franca da Serra Leoa, e insultava as raparigas com grandes palavrões da língua delas, mal tentavam abordá-lo. Chamava-lhes «penas do diabo» e preparava os punhos para um soco caso se aproximassem demasiado.

Com as europeias sempre teve mais cuidado. As organizações de caridade e as missões tinham uma elevada percentagem de pessoal feminino, mas se uma branca lhe empurrasse o braço, ele não protestava. Talvez se sentisse

intimidado por elas — que eram muito mais espertas do que ele, com uma data de letras atrás dos nomes — ou talvez soubesse que com isso não se safava. As raparigas negras com menos capacidades discursivas eram alvos fáceis para a sua raiva, e muitos de nós estávamos convencidos de que, além de machista, era racista.

Não havia maneira de saber que idade teria ao certo. Tinha a cabeça rapada, uma tatuagem com uma cimitarra na base da nuca, e a pele seca pelo sol, como cabedal. Quando se embebedava, gabava-se de ter estado na unidade dos Serviços Aéreos Especiais que bombardeou a embaixada do Irão em Londres em 1980, e a cimitarra era a sua insígnia de honra. Porém, a ser verdade, andaria pelos quarenta e muitos ou cinquenta e poucos, e os seus socos devastadores indicavam que seria mais novo. Apesar do forte sotaque escocês, dizia vir de Londres, por muito que a comunidade dos expatriados de Inglaterra acreditasse tanto nisso como em ter ele nascido com o nome de John Harwood.

De qualquer forma, se não fosse o Alan Collins ter falado no contingente estrangeiro, não me teria ocorrido que a violência do Harwood pudesse passar daquilo que se lhe conhecia. E mesmo que assim fosse, eu não podia fazer nada. O Alan já tinha voltado para Manchester e os assassínios das mulheres foram rapidamente esquecidos.

Apresentei estas suspeitas a alguns dos meus colegas, mas mostraram-se cépticos. Como fizeram notar, a verdade é que os assassínios acabaram quando prenderam os miúdos, e o Harwood era conhecido por usar os punhos e não a catana. O que principalmente contrapunham era que, por mais desprezível que ele fosse, jamais violaria as mulheres antes de as assassinar.

— Ele nem sequer consegue chegar a *tocar* num negro — disse um operador de câmara australiano. — Não me parece nada provável que ele se vá sujar a meter a verga numa.

Desisti, até porque a única prova que podia ter contra ele era a de um ataque especialmente violento a uma prostituta no Paddy's Bar. Havia uma boa centena de testemunhas, mas a rapariga tinha preferido o dinheiro a apresentar queixa, pelo que nem sequer ficara registo do acidente. De toda a maneira, a minha missão na Serra Leoa já estava a acabar e eu não queria começar uma coisa que me pudesse atrasar a partida. Convenci-me de que a responsabilidade não era minha e atirei a justiça para o caixote do lixo da apatia.

Por essa altura, a maioria da minha vida tinha acontecido em África, primeiro como criança, depois a trabalhar para os jornais do Quênia e da África do Sul, e mais recentemente como correspondente da Reuters. Era um continente que eu conhecia e amava, tendo crescido no Zimbabué como filha dum lavrador branco, mas no Verão de 2002 achei que já me chegava. Tinha coberto demasiados conflitos esquecidos, demasiadas histórias de corrupção financeira. Queria ficar cerca de dois meses em Londres, onde os meus pais estavam a morar desde 2001, antes de me mudar para a delegação da Reuters de Singapura e me dedicar aos assuntos asiáticos.

Na noite antes de partir de vez de Freetown, estava a fazer as malas quando o Harwood veio a minha casa. Vinha escoltado pelo Manu, um dos seguranças leoneses que, sabendo da reputação do homem, me perguntou se queria que ele ficasse. Abanei a cabeça, mas levei o Harwood para a minha varanda, bem à vista do resto do condomínio.

Ficou a olhar para a minha cara inexpressiva.

— A senhora não gosta muito de mim, pois não?

— Não gosto nada de si, Mr. Harwood.

Parecia divertido.

— Por eu me ter recusado a transmitir o seu pedido de entrevista?

— Não.

A resposta monossilábica pareceu desarmá-lo.

— Não devia acreditar em tudo o que as pessoas dizem sobre mim.

— Não é preciso. Já o vi em acção.

Ficou de cara fechada.

— Então com certeza que não me quer fazer zangar — murmurou.

— Eu cá não apostava nisso. O que é que o senhor pretende?

Mostrou-me um envelope e pediu-me que o pusesse no correio em Londres. Era um pedido normal para fazer a quem ia voltar, pois era sabido que não se podia confiar no serviço postal leonês. O habitual era deixar o invólucro aberto para o portador mostrar às alfândegas dos dois lados que não levava nada de ilegal, mas o Harwood tinha selado o dele. Quando me recusei a aceitar a não ser que o abrisse, pô-lo outra vez no bolso.

— Ainda vai precisar dos meus favores um dia destes — disse.

— Duvido muito.

— Se precisar, não lhos dou, Ms. Burns. Tenho uma grande memória.

— Não espero voltar a encontrá-lo, pelo que não vai haver ocasião para isso.

Voltou as costas.

— Eu nisso não apostava — disse, ecoando ironicamente as minhas palavras. — Para as pessoas como nós o mundo é mais pequeno do que se pensa.

Vendo-o voltar para o portão, fiquei curiosa com o nome que vira de relance no envelope, «Mary MacKenzie», e a última linha do endereço, «Glasgow». Fez-se luz na minha cabeça. *Fora* em Kinshasa que eu o tinha visto antes, fazia parte de um grupo de mercenários que combatiam pelo regime de Laurent Kabila, e o nome que então usava era Keith MacKenzie.

Devo ter matutado um pouco nas razões da mudança de nome, e na maneira como ele teria obtido um passaporte como John Harwood, mas não durante muito tempo. Falava verdade quando lhe disse que não esperava voltar a vê-lo.